

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º A entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 587	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	5\$800	1\$900	6950	5120	15 DE ABRIL DE 1895	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento, de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

MORTE DE MANUEL PINHEIRO CHAGAS



MANUEL PINHEIRO CHAGAS
EM 1865

(Cópia de uma photographia de Henrique Nunes)

ORREU Pinheiro Chagas!

Esta triste noticia que não foi para ninguém uma surpresa, foi para todos uma desgraça!

Foi para todos uma desgraça, porque a morte de Pinheiro Chagas não representa simplesmente a perda d'um grande talento e d'um grande character, representa o desaparecimento d'uma das glorias mais brilhantes, senão a mais brilhante, do nosso tempo e da nossa terra; não foi para ninguém uma surpresa porque de ha muito que todos sabiam que Pinheiro Chagas estava irremediavelmente perdido, que era apenas um milagre da therapeutica que aguentava, por dias contados, a preciosa vida d'aquelle querido e grande homem.

Todos sabiam isso, todos, menos elle, que ignorava a gravidade do mal que o minava, que se illudia com as melhoras momentaneas que lhe davam a cafeina e a digilatina e que quasi até aos ultimos dias do seu longo e doloroso martyrio imaginava sempre, com essa credulidade e boa fé singulares, que são consolador apanagio de certas doenças terribes, que se tratava apenas d'uma d'essas enfermidades impertinentes e demoradas, que incommodam, mas que não matam.

E acreditava n'isso sinceramente com uma sinceridade e uma confiança que nos faziam confranger a alma e encher os olhos de lagrimas.

Ainda na ultima vez que eu o vi, dias antes da primeira representação da sua ultima peça, elle, esteve muito tempo comigo em minha casa, onde já me prendia a longa doença, que não me deixou assistir ao seu derradeiro triumpho nem acompanhar o á sua derradeira morada; conversámos muito, perfeitamente á vontade, sosinhos, sem testemunhas, e se elle tivesse apprehensões sinistras sobre a sua doença, que tão adiantada já já, se presentisse a morte que andava já tão perto e que todos sabiam adejar-lhe de ha muito em torno, com certeza que por uma palavra, por uma allusão, por uma inflexão ao menos, ter-me-ia deixado perceber essas preocupações lugubres, quando fallámos da sua doença; mas nada d'isso, pelo contrario, fallou d'essa doença sem lhe ligar grande importancia e esperando que o verão e que a sua querida Linda a Pastora, lhe restituíssem em breve a saude e acabassem de curar-lhe aquella maldita dyspepsia, que o incommodava tanto, que o obrigava a uns cuidados e a umas precauções que não estavam nada no seu feitio de homem robusto e de homem de trabalho.

E fallando com grande confiança nas melhoras que julgava certas, fallou-me em muitos planos litterarios, nos trabalhos que tencionava fazer, com a segurança de quem tem deante de si uma longa vida, com uma alegria que me enchia de terror a mim, que sabia que estava por um tenue fio, aquella vida, com que elle contava tanto!

E essa sua despreocupação do mal que o matava, apressou-lhe, quanto a mim, a morte. Na ignorancia da gravidade do seu estado Pinheiro Chagas não poupava nada as suas forças, corria ao encontro de todos os perigos com a despreocupação de quem os desconhece e foi assim que em vez de fugir da morte, que andava já proxima, furtando-se a trabalhos violentos, a commoções fortes, a grande desperdicio de forças, se aproximava d'ella lançando-se em trabalhos fatigantes, como o que teve com o centenário de Colombo em Madrid e com o centenário Henriquino no Porto, procurando por suas mãos as commoções e sobresaltos d'uma primeira representação, com a sua *Lição Cruel*, cuja estreia coincidiu singularmente, com a sua despedida do mundo.

Eu sempre tive um presentimento sinistro com essa peça!

Quando no verão passado fui um domingo a Linda a Pastora vêr o Chagas, que na vespera fôra acometido d'uma d'essas syncopes cardiacas, que tinha a miudo, e que ao principio a cafeina vencia facilmente, encontrei-o muito bem disposto, no jardim, a conversar, a rir.

Foi n'esse dia que elle me disse que estava fazendo uma comedia original para o Gymnasio, que tinha já quasi que escripto todo o primeiro acto e me esteve contando o enredo.

Em qualquer outra occasião essa noticia ter-me-hia enchido de alegria, de entusiasmo, porque era sempre para mim uma festa assistir a uma peça de Chagas; n'esse dia porém essa noticia fez-me cair a alma aos pés.

Palpitou-me logo que, de todas as imprudencias que Pinheiro Chagas tinha feito durante a sua doença essa era a mais seria, a que podia ter consequencias mais fataes.

Representada a peça, fosse qual fosse o seu resultado, ou um grande successo, como era de prever, ou uma queda desastrosa, ou um simples successo d'estima, a commoção que em qualquer d'essas hypotheses Pinheiro Chagas sentiria podia ser lhe prejudicialissimo.

E infelizmente não me enganei!

Realisou-se a primeira hypothese, a que era de prever, dado o grande talento de Pinheiro Chagas, e as suas exceptionaes aptidões para a comedia: — o grande successo, mas no fim do 2.º acto, ao sahir da scena de ser aclamado, victoriado pelo publico, Pinheiro Chagas ficou prostrado nos bastidores por uma syncope cardiaca, foi necessario recorrer á injecção da cafeina para lhe insuflar de novo a vida e sahiu em braços do theatro, antes de começar o 3.º acto, foi levado em trem a casa d'onde nunca mais tornou a sahir senão para o cemiterio!

A doença aggravou-se-lhe brutalmente, caminhou rapidamente para o ultimo periodo e foi então que o seu grande martyrio moral começou com a consciencia que então adquiriu da gravidade d'essa doença e da proximidade do seu fim!

Pela primeira vez encarou a morte e encarou-a serenamente, corajosamente, com a tranquillidade e com a resignação d'um justo.

A' proporção que a morte caminhava para elle elle sentia-a aproximar e dizia sorrindo aos seus medicos, que eram quatro amigos dedicadissimos:

— Vocês luctam bem, combatem com valentia, tem vencido muitas vezes, mas d'esta vez parece-me que não vencem!

E não venceram, desgraçadamente, e no dia 8 do corrente, às 4 horas menos um quarto da tarde, Pinheiro Chagas exhalou o último suspiro, sem agonia, sem estertor, adormecendo suavemente no sono eterno, depois de se ter despedido dos seus filhos que elle estremejava e que o adoravam!

Do mesmo modo que nos enterros das pessoas notáveis é costume cada qual exhibir as suas condecorações mais apparatusas, as suas gran cruces e as suas medalhas de mais espectáculo, nos necrologios dos mortos illustres é uso puchar á fiação todas as phrases mais decorativas, as imagens mais vistosas, os adjectivos de mais grande gala, de modo que ao mesmo tempo que se faz a apothese do morto, que se chora, se talhe um pedestalinho em que o vivo, que o chora, dê nas vistas, faça figura, de sorte que ao mesmo tempo que se paga uma divida sagrada á gloria alheia, se contente tambem um bocadinho a vaidade propria.

Nos elogios funebres d'aquelles que se vão, é costume cuidar sempre com certo amor do elogio d'aquelles que ficam e de ordinario quando se escreve o necrologio d'um homem illustre cada qual pensa muito mais em si do que no morto de que falla.

E por este motivo que eu me sinto perfeitamente incapaz de fazer o necrologio de Pinheiro Chagas: não me sinto com forças de pensar em mim, quando tenho o meu espirito e o meu coração todo cheio d'elle, não sei estar a limar phrases, nem a enfeitar imagens, quando sinto as saudades a trasbordarem-me cá dentro e as lagrimas a rebentarem-me dos olhos.

Eu queria a Pinheiro Chagas como a um irmão estremejado: adorava-o como a um idolo, admirava-o como a um mestre!

A minha admiração por elle data de ha 30 annos, da primeira vez que eu o ouvi fallar n'uma conferencia no Collegio Artistico Commercial, em 1865; tinha eu 15 annos e elle 23; a minha amizade tem 24 annos; começou nes primeiras representações da *Magdalena*.

Eu fazia então as criticas theatraes no jornal o *Paiz* e escrevi a respeito da *Magdalena* um folhetim, não sei se bom se mau, se justo ou injusto, mas sincero, sentido, cheio de convicção, dizendo desassombradamente todo o bem e todo o mal que pensava da peça. Pinheiro Chagas que já então estava em plena gloria, em plena nomeada, que tinha já tido o phenomenoal successo da *Morgadilha*, o exito colossal dos seus folhetins da *Gazeta de Portugal*, do *Jornal do Commercio* do *Diario de Noticias*, leu esse folhetim apezar de assignado por um nome desconhecido, obscuro, e escreveu-me uma carta amabilissima, carta que ainda hoje conservo, em que me agradeceu os elogios que eu lhe fazia e a benevolencia da censura!

E depois d'essa carta, a primeira vez que me encontrou—foi uma noite, no palco de D. Maria—veio ter comigo, repetir-me pessoalmente os agradecimentos que me tinha mandado, e conversar a respeito da peça em questão.

Começaram ali as nossas relações.

Eu morava então na travessa do Pombal; Pinheiro Chagas a Santa Isabel. Encontravamos nos quasi todas as noites no theatro de D. Maria e depois vinhamos para cima juntos, pelo Salitre, do nosso vagar, parando, conversando, fallando em litteratura, em theatro, que era a minha grande paixão, que era a grande paixão de Pinheiro Chagas.

D'ahi a pouco tempo principiaram no theatro de D. Maria os ensaios do *Drama do Povo*, a nova peça de Pinheiro Chagas, peça a que elle tinha muito amor, e em que toda a gente no theatro, a começar pelo chorado Santos, tinha enorme confiança.

Durante esses ensaios, que eu segui noite a noite, as nossas relações estreitaram-se mais.

Chegou a primeira recita. Foi precisamente o que se chama uma noite de combate, de combate renhido, feroz.

Contra o *Drama do Povo* formara-se uma terrivel cabala.

Pinheiro Chagas triumphara já de mais para certa gente a quem incommoda muito os triumphos alheios.

Tinha tido o grande successo da *Morgadilha*, o grande successo da *Magdalena*, tinha o successo cada dia crescente dos seus folhetins, era preciso fazer-lhe pagar todos esses successos.

O *Drama do Povo* foi o escolhido para o ajuste de contas.

E a peça foi assobiada, pateada, troçada, escarnecida, cortada por apartes, por gargalhadas; na

sala estabeleceu-se essa atmosphera de hostilidades contra a qual não ha resistencia possivel, e apesar das muitas coisas magnificas que o *Drama do Povo* tinha, das suas scenas magistraes, do talento que havia em todo elle ás mãos cheias, a peça cabiu sem que a podessem salvar os protestos dos imparciaes, sem que a podessem salvar os artistas, que de mais a mais começaram a desanimar á proporção que o grande successo que todos tinham por certo se começou a transformar n'uma queda.

Pinheiro Chagas ficou muito magoado com a hostilidade accintosa com que a peça foi acolhida pelo publico, com a imbecilidade aggressiva com que certa parte da critica o tratou.

Respondeu a alguns d'esses criticos, executando-os, deslazendo-os, no prefacio da peça, quando a imprimiu e desgostoso com aquella noite tormentosa, que nunca mais lhe esqueceu, decidiu nunca mais escrever para o theatro.

E foi o estranho e injustificado acolhimento que teve o *Drama do Povo* na sua primeira representação em Lisboa — que mais tarde aqui mesmo, no theatro do Príncipe Real, no Porto, no Brazil, em Madrid onde foi representado em hespanhol, agradou muito — que atastou Pinheiro Chagas do theatro e não a politica como já vi escripto algures.

D'ali a pouco tempo, nos meados de 1875 tive a honra de ser convidado por Pinheiro Chagas para a redacção d'um jornal novo que elle ia fundar, a *Discussão*.

Foi então que começando a viver dia a dia com Pinheiro Chagas pude ver quanto valia aquelle extraordinario homem.

Pinheiro Chagas, caso pouco vulgar era ainda maior visto ao pé que visto ao longe.

A sua obra litteraria é enorme, vastissima, assombrosa dava de sobra para sete ou oito grandes reputações litterarias, e apesar d'isso o talento de Pinheiro Chagas era muito superior á sua obra toda.

Era preciso vê-lo trabalhar para conhecer os prodigios maravilhosos de que era capaz aquelle maravilhoso cerebro, aquelle phenomenal talento.

A *Discussão* estabeleceu-se na typographia do fallecido Sousa Neves, na rua da Atalaya.

Pinheiro Chagas dedicou-se de corpo e alma ao jornal e logo ao cabo dos primeiros numeros já a *Discussão* era o jornal mais litterario, mais bem feito, mais interessante de Portugal, aquelle em que mais se fallava, aquelle que atrahia todas as atenções.

Ao principio o annuncio não vinha, mas passava-se sem elle; não se admittiam annuncios fingidos, nem se tirava uma linha ao texto do jornal, e houve mais d'um dia em que a *Discussão* da primeira linha da primeira columna até á ultima da ultima pagina era toda texto.

Pinheiro Chagas deu logo de principio uma feição nova, alegre e elegantemente litteraria ao jornal, creando secções variadas e interessantissimas, aquella *Sala das Perolas* o folhetim dos domingos, destinado unicamente á resurreição d'obras primas litterarias, secção que teve um exito enorme, e fazendo uma revolução completa no *artigo de fundo*, transformando o velho e pesado boletim politico, em espirituosos e alegres artigos, dos quaes o humorismo não excluia o bom senso e o bom criterio, e feriam mais o inimigo com a sua ironia acerada e profundamente litteraria que todas as declamações rhetoricas e indignações estafadas dos velhos artigos de fundo bombasticos.

A *Discussão* teve logo um exito enorme, exito que provocou como não podia deixar de ser hostilidades mais ou menos violentas.

N'esse tempo havia um jornal satyrico em Lisboa que tinha muito espirito e muita voga, e que fazia muito a opinião. Era a *Lanterna Magica*, redigida pelo grande poeta Guerra Junqueiro, posto havia pouco em evidencia pela *Morte de D. João* e pelo pobre Guilherme d'Azevedo que tão ceo haviamos de chorar, e illustrado por esse maravilhoso artista que se chama Raphael Bordallo.

Pois a *Lanterna Magica* lembrou-se um dia de debicar com a *Discussão*, e disse que o programma do partido que o novo jornal representava se dizia no titulo do mesmo jornal: — *Discussão*.

No dia immediato Pinheiro Chagas respondia na *Discussão* á *Lanterna Magica* com uma simples pergunta:

«Quem manda os senhores metter o nariz nas syllabas do nosso titulo?»

A resposta teve um successo colossal em Lisboa e em Coimbra; a *Lanterna Magica*, encavou com a replica, deu sorte, e sahio corrida da lucta que provocára com a *Discussão* e não se metteu mais com ella!

No fim de seis mezes a *Discussão*, mudou de typographia e de titulo: passou a chamar-se *Diario da Manhã* e a ser feito, primeiro na typographia do sr. Lucas na rua dos Calafates, e depois em typographia propria.

Tudo o que havia então na litteratura de Lisboa de mais brilhante e de mais promettedor começou a acercar-se do *Diario da Manhã* e a collaborar n'elle; Guilherme d'Azevedo, que ali conquistou os seus mais ruidosos triumphos com as suas esplendidas *Cartas d'um Birman* e os seus inimitaveis *Cri eris* e *Guerra Junqueiro*, Fernando Caldeira, Ramalho Ortigão, Guilhermino de Barros, Fialho d'Almeida, Urbano de Castro, Zacharias d'Aça, D. João da Camara, Fernandes Costa, Maximiliano d'Azevedo, Jayme Victor, Delphim d'Almeida, João Costa, Marianno Pina, Augusto de Mello, Eduardo Schwalbach, Xavier de Mello, etc. Em 24 d'outubro de 1883 Pinheiro Chagas, que como jornalista politico occupava já entre nós o logar proeminente e que como parlamentar tinha já uma carreira das mais gloriosas sendo considerado como o primeiro orador politico da camara, foi nomeado ministro da marinha no gabinete presidido por Fontes Pereira de Mello.

Chamado aos conselhos da corôa Pinheiro Chagas teve que deixar a redacção permanente do *Diario da Manhã*.

Na manhã em que o decreto foi á assignatura, Pinheiro Chagas esteve em minha casa a participar-me o facto e a convidar-me para eu assumir a redacção politica do jornal.

Respondi-lhe que nunca tinha feito politica. — Mas principia a fazer agora insistiu elle. — Não entendo nada d'isso. — Principia agora a entender.

— Não entendo e mesmo não tenho vontade de entender tornei eu, pedindo-lhe licença para não acceitar o honroso cargo que elle me offercia, e que eu não podia nem sabia desempenhar e para me deixar entregue aos meus folhetins e ás minhas comedias.

— Faça o que quizer, talvez tenha razão! disse-me elle sorrindo.

E não estava muito alegre, parecia, com a sua entrada para o governo.

Eu notei-lhe isso.

— O' homem, não estou nem alegre nem triste. Vou ser ministro e talvez fosse melhor não o ser! Até agora todos perguntavam: «Porque é que o Chagas ainda não foi ministro? E quem sabe se d'aqui a pouco todos perguntarão: — Para que foi que o Chagas foi ministro?»

Passaram-se annos. Em 1890 dias antes da abertura das camaras, d'aquella sessão em que o governo regenerador apresentou o 1.º tratado com a Inglaterra depois do *ultimatum*, estive na Cruz Quebrada em casa de Pinheiro Chagas.

Achei-o triste, aborrecido e mal humorado, e quando me despedi, elle disse-me sem mais nem mais:

— Muito juizo teve você ha sete annos!

Olhei-o admirado. Não sabia a que elle se referia.

Elle então explicou:

— Em não querer saber de politica! Disse-lhe que talvez tivesse razão. Pois tinha-a e ás carradas!

Pinheiro Chagas era um dos nossos primeiros homens politicos, andava sempre mettido em negocios politicos, em conferencias politicas, e não obstante, e talvez por isso mesmo, detestava a politica.

Como alguns medicos que fóra das consultas, não querem que ninguém lhe falle em doencas nem em medicina, Pinheiro Chagas fóra da sua vida profissional da politica não consentia que lhe fallassem em politica—ia aos ares quando alguém lhe começava a abordar o assumpto.

Lembro-me perfeitamente que deixou até de ir barbear-se a um barbeiro que havia no caminho de sua casa como costumava ha muitos annos porque o homem, á proporção que o Chagas se ia envolvendo mais nos negocios politicos começou, quando lá o apanhava, a discutir com elle politica.

Pinheiro Chagas não voltou lá mais. — Em vez de me fazer a barba fazia-me interpellações, disse-me elle, e para isso não preciso ir ao barbeiro, antes vou á camara!

A sua conversação favorita era litteratura, arte e theatro, principalmente theatro, que foi sempre a grande paixão de toda a sua vida.

Os seus triumphos oratorios, os seus triumphos

políticos, os seus triumphos litterarios, os seus triumphos jornalísticos eram-lhe muito agradáveis mas trocava-os a todos por um successo theatral.

Era de vocação, de instincto, um homem de theatro, onde estava bem era no theatro, pelo theatro deixava tudo e Deus deu-lhe a grande alegria de terminar a sua vida publica, de se despedir do mundo, no palco d'um theatro, no meio d'um grande e ruidoso successo!

Como já disse e pelas razões que disse, não faço aqui o necrologio nem a biographia de Chagas nem um estudo critico do homem de letras e do politico.

A sua obra litteraria é enorme, ahí está a attestar a prodigiosa diversidade de aptidões d'aquelle privilegiado espirito, e a rara actividade d'aquelle fecundo ingenho.

O valor d'essa obra é colossal mas, repito, Chagas era ainda muito superior a sua obra!

Dos seus livros, das suas peças, dos seus artigos chegarão muitos a posteridade ou morrerão com a geração que os viu nascer?

Quem o sabe?

Uma coisa que eu acho divertidissima é o ar prophético com que certos Bandarras da critica pezam gravemente os livros e decidem em ultima estancia aquelles que hão de ir seguir para a immortalidade e aquelles que hão de ser sepultadas no pó do esquecimento, como se nós que somos seus contemporaneos podessemos saber o que d'elles hão de pensar os vindouros.

Quando eu era pequeno tinha uma cosinheira velha que, quando se deitavam ovos a uma galinha já examinal-os doutoralmente e prophetisava cheia de convicção aquelles que haviam de dar pinto e aquelles que não iam ávante.

Passavam-se as tres semanas da gestação e era já sabido, era infallivel: os ovos que ella marcava como validos estavam gorados, aquelles que ella punha de parte como não prestando, tinham pinto com certeza.

Quantos criticos novos que para ahí ha se parecerão nas suas prophcias infalliveis com a minha cosinheira velha?

Eu não sei o que pensará o futuro da obra dos nossos contemporaneos, mas o que sei é que olhando para o presente, e olhando para o passado encontramos muito poucos vultos da grandeza enorme e da variada e poderosa complexidade de aptidões de Pinheiro Chagas.

Analysado em cada um dos ramos da sua extraordinaria actividade Pinheiro Chagas é em cada uma d'ellas grande, visto no conjunto prodigioso da sua multipla obra, Pinheiro Chagas é verdadeiramente phenomenal!

Gervasio Lobato.

NOTAS BIOGRAPHICAS

Pinheiro Chagas deixa uma obra colossal que mal se comprehende que seja feita por um só homem e apesar d'isso morreu na flor da vida, aos 52 annos em toda a plenitude, em toda a pujança do seu esplendido talento.

Nasceu em Lisboa a 13 de Dezembro de 1842, em uma casa do quartel de infantaria n.º 16, a Campo d'Ourique, onde vivia seu pae o sr. Joaquim Pinheiro das Chagas, capitão d'aquelle regimento, amigo e secretario particular d'El-Rei D. Pedro V, que enviuvou quando Manuel Pinheiro Chagas tinha apenas dois meses.

Homem illustradissimo e de alto merecimento, dedicou-se com o mais extenso amor á educação de seu filho.

Frequentou o Collegio Militar, depois a Escola do Exercito, a Escola Polytechnica, interrompendo o seu curso para casar com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria da Piedade da Maternidade da Silva, uma formosissima e virtuosa senhora, que foi sua extremosa e sua adorada companheira e cuja morte, ha quatro annos, enluctou para todo o sempre o coração de Pinheiro Chagas.

Deixando os estudos militares Chagas começou então a escrever para a *Gazeta de Portugal* uns romances folhetins que agradaram muito e que inspiraram a Teixeira de Vasconcellos a idéa de o convidar para escrever umas revistas semanales que obtiveram um successo enorme. Em dezembro de 1864, em consequencia d'um desaccordo com Teixeira de Vasconcellos, por causa d'um folhetim em que atacava a politica de Napoleão III, deixou a *Gazeta* e passou, a pedido do sr. Luiz d'Almeida e Albuquerque para o *Jornal do Commercio*.

Ahi escreveu alguns folhetins que tiveram gran-

de voga dentro e fóra de Portugal. Em 1865 publicou o *Poema da Mocidade*, cuja carta critica de Castilho originou a questão que ficou sendo conhecida pelo nome de *Bom senso e Bom gosto*. Publicou em seguida, nos tres ou quatro annos immediatos, uns poucas de romances: a *Flor sécca*, *Tristeza a Beira Mar*, *Corte de D. João V*, *Virgem Guaracioba*, que foram muito bem recebidos. Em 1869 estreou-se no theatro com a *Morgadinha de Val-Flor*, que teve um successo colossal e que tem mais de duas mil representações tanto em Portugal como para o Brazil conservando-se ainda hoje, passados 26 annos no repertorio do theatro portuguez e do theatro brasileiro.

A *Morgadinha* foi traduzida em italiano, em hespanhol, em francez, em allemão, e em suecco.

Em italiano teve duas versões, sendo uma do maestro Froudoni; tem sido representada muitas vezes em Italia, e em Lisboa foi representada em italiano por tres actrizes, a Pasquali, a Palladini, e a Barac.

A traducção hespanhola é de Calvo Ascencio, e versões francezas tem tres, uma do sr. Octon Saunier outra do sr. Renato Baptista e outra do sr. Henri Faure.

Depois da *Morgadinha* escreveu e fez representar a *Judia*, que caiu mas que elle considerava uma das suas melhores peças.

A *Helena*, a *Magdalena*, que teve um grande exito, o *Drama do Povo* em que já fallamos, uns a proposito e comedias pequenas que damos no catalogo das obras de Chagas que segue a esta noticia, e a comedia *Roca de Hercules*, escripta em 1878 para uns amadores dramaticos que a representaram em Espinho, e finalmente a *Lição Cruel* a sua ultima peça, o seu ultimo trabalho litterario, a sua despedida que teve um grande exito no Gymnasio e que não tivemos occasião de ver por coincidir a sua representação com a nossa doença.

Romances, discursos academicos, livros de historia, livros de critica escreveu um sem numero d'elles e em seguida damos os titulos dos principaes.

Como jornalista damos tambem em seguida a lista dos jornaes em que collaborou: como politico Pinheiro Chagas foi eleito deputado pela Covilhã em julho de 1871 e nunca mais deixou de ser deputado senão seis mezes durante uma situação progressista. Pronunciou na camara discursos monumentaes que lhe grangearam logo a fama de primeiro orador do nosso parlamento. Em 1883 foi chamado aos conselhos da corôa e geriu a pasta da marinha até 20 de fevereiro de 1886 deixando assignalada a sua passagem por aquelle ministerio com documentos irrefutaveis do seu alto valor como estadista.

Como ministro da marinha apresentou ás côrtes as seguintes propostas de lei:

De auctorisação para o estabelecimento da linha ferrea de Loanda a Ambaca;

Mandando circular como moeda legal nas provincias de Cabo Verde e Guiné a que tinha curso na metropole;

De organisação do serviço de saude naval;

De reorganisação da escola naval;

De auctorisação para approvar o contracto definitivo para o laçamento de um cabo submarino entre Cabo Verde e a Africa occidental; e

De approvação do regulamento para a arrecadação dos bens dos individuos fallecidos nas provincias ultramarinas com herdeiros presumptivos ausentes d'ellas.

CARGOS PUBLICOS, COMMISSÕES, MERCÊS HONORIFICAS E TITULOS LITTERARIOS

Pinheiro Chagas tinha a carta de conselho, foi ministro da marinha, deputado ás côrtes, de 1871 a 1892, par do reino vitalicio por carta regia de 1892, era secretario geral respectivo da Academia Real das Sciencias desde o fallecimento de Latino Coelho e secretario eleito da 2.^a sessão litteratura; era lente de litteratura classica no Curso Superior de Letras, foi presidente da Associação dos Homens de Letras e jornalistas de Lisboa, membro do Conselho Superior d'instrução publica, presidente da Commissão encarregada da reforma dos theatros, nomeada pelo gabinete Dias Ferreira, presidente da grande commissão do centenário da India, vice presidente do congresso de beneficencia, membro do Conselho Fiscal da Companhia do Credito Predeal, e presidente da Junta do Credito publico, por decreto de 10 d'agosto de 1893; era socio de muitas corporações litterarias portuguezas e estrangeiras e agraciado com a gran cruz de S. Thiago, vaga pela morte de Andrade Corvo; com as gran-cruzes de Carlos III de Hespanha e de Leopoldo da Belgica; e era grande official da Legião d'Honra.

JORNAES

Pinheiro Chagas escreveu já como redactor, já como collaborador nos seguintes jornaes *Monitor*, jornal fundado por Cesar de Noronha, *Gazeta de Portugal*, dirigida por Teixeira de Vasconcellos, *Jornal do Commercio*, dirigida por Luiz d'Almeida e Albuquerque, *Archivo Pittoresco*, *Revista do Seculo*, *Revista Contemporanea*, *Brazil*, dirigido por Antonio de Castilho, *Panorama*, *Diario de Noticias*, *Diario Popular*, *Diario Illustrado*, *Illustração Portugueza*, *Revista Illustrada*, *Educação Popular* (bibliotheca d'instrução), *Correio da Europa*, *Ocidente*, *Atlantico*, *Chronica Moderna*, *Contemporaneo*, *Reporter*, de que foi o primeiro director, *Tarde*, *Paz do Rio de Janeiro*, *Diario do Rio de Janeiro*, *Revue du Monde Latin*, onde escrevia em francez o correio de Portugal, *Corriere de Napoli*.

Em 1875 fundou o jornal a *Discussão* com Gervasio Lobato, Delphim d'Almeida, Canto e Castro Mascarenhas, D. José d'Alarcão e Augusto de Mello, jornal que no fim de seis mezes de publicação passou a chamar-se *Diario da Manhã*. E em substituição a este jornal fundou em 1 de dezembro de 1884 o *Correio da Manhã*, que ainda existe.

THEATRO

Peças originaes

A *Morgadinha de Val-Flor* — drama em 5 actos representado em D. Maria em 1869 e n'esse anno editado no Porto. Tem tido numerosas edições tanto no Porto como em Lisboa, e no Rio de Janeiro.

A *Judia* — drama em 5 actos, 1869.

Helena — drama em 5 actos.

Magdalena — drama em 4 actos.

O *drama do povo* — drama historico em 5 actos, representado em D. Maria em 1875. Publicado em 1876 com um extenso prologo.

A *volta do theatro* — comedia n'um acto, representada na Trindade por Emilia Adelaide e Taborada.

Deputado venha a nós — scena comica representada por Taborada.

Quem desdenha — comedia n'um acto representada na Trindade, 1875.

A *Roca d'Hercules* — comedia n'um acto, 1878.

A *Liberdade* — poesia recitada em D. Maria pela actriz Emilia Adelaide, 1874.

Durante o combate, pretexto n'um acto para a «Marselheza» final, com uma introducção em resposta ao prologo do «Gladiador» do sr. Latino Coelho. Lisboa, 8.º de 70 pag., sendo 45 da introducção, na qual o auctor oppunha as suas sympathias pela França ás sympathias germanicas de Latino Coelho.

Esta peça foi representada na Trindade em janeiro de 1871, e a colonia franceza de Lisboa offereceu então ao sr. Pinheiro Chagas uma corôa com fitas tricolores, tendo n'uma d'ellas a dedicatória em latim, n'outra em francez e n'outra em portuguez. Deixou de representar-se, por prohibição do governo, e com razão, pois recebeu de desordens no theatro, por dar-se a circumstancia de estarem fundeados no Tejo um navio de guerra francez e outro allemão.

PEÇAS TRADUZIDAS OU IMITADAS

Os Fidalgos de Bois Doré — comedia em 5 actos de George Sand — a sua primeira obra theatral representada no Theatro de D. Maria.

Rabagas — comedia em 5 actos de Victorien Sardou. Theatro de D. Maria.

Ernani — drama em 5 actos de Victor Hugo, traducção em verso. Theatro de D. Maria.

Jodo de Thommeray — comedia em 5 actos de Emilio Augier. Theatro de D. Maria.

O *fructo prohibido* — comedia em 4 actos de Sardou (*Les pommes du voisin*). Theatro da Trindade.

O *filho de Coralina* — drama em 4 actos de Albert Delpit.

Conspiração na Aldéa — (*Nos Bons Villageois*). Theatro de D. Maria.

As manhas de André Mattoso, (*Les Fourberies de Scapin*), de Molière. Theatro da Trindade.

A *Botja* — de Meilhac e Halevy, 4 actos. Theatro da Trindade.

O *abbade Constantino* — drama em 5 actos de Ludovic Halevy. Theatro de D. Maria.

Divorcium nos — comedia em 3 actos de Sardou — traducção do italiano. Theatro do Gymnasio.

Bébé — comedia em 3 actos. Theatro do Gymnasio.

Parentes e Trastes Velhos — comedia em 3 actos traducida do hespanhol. Theatro do Gymnasio.

Infeliz Carolina! comedia em 3 actos de Theodore Barrière. Theatro do Gymnasio.



A. P. de S. C.

FALLECIDO EM 8 DO CORRENTE

GRAVURA DE CAETANO ALBERTO

Dora, de Sardou, traduzido do italiano para os theatros do Brazil.

Os burguezes de Pontarcy—de Sardou, idem, idem. *O grande Casimiro*— opera comica em 3 actos, traduzida em collaboração com Gervasio Lobato. Theatro da Trindade.

Gentil Dunois—operetta n'um acto, idem, idem. *A Gravata Branca*, comedia em 1 acto de Goudinet Traducção em verso—Theatro de D. Maria.

A Oração da Tarde, comedia em 3 actos de Marianne Larm. Traducção em verso—Theatro de D. Maria.

Junto com minha mãe, comedia em 1 acto de Lambert Thiboust e Lheodoro Barrière—Theatro de D. Maria.

As Campainhas, comedia em 1 acto de Meilhac e Halevy. Theatro da Trindade.

O caso de consciencia, comedia em 1 acto de Feuillet. Theatro do Principe Real.

E muitas outras de que não nos occorre agora os titulos.

LIVROS

Esboço biographico de Henrique Luiz Feijó da Costa, Lisboa, na typ. Universal, 1864. 8.º Com o retrato do biographado.— Edição nitida.

Não foi posta á venda esta obra. A mãe do biographado, sr.ª D. Maria do Carmo Feijó de Sousa e Mello (hoje fallecida) mandou-a imprimir á sua custa para brindar as pessoas das suas relações.

Poema da mocidade, seguido do poemeto *O anjo do lar*. Lisboa, na imp. de J. Germano de Sousa Neves, 1865. 8.º Com o retrato do auctor.

Comprehende de pag. 181 em diante, sob o titulo de *Crítica Litteraria*, uma carta do sr. Antonio Feliciano de Castilho (depois visconde de Castilho) ao benemerito editor sr. Antonio Maria Pereira, carta que serviu de pretexto para o rompimento das hostilidades pelos que foram denominados da «escola de Coimbra», dando logar a uma serie de publicações, mais ou menos volumosas, que tomaram o titulo *Bom senso e bom gosto*.

O canto I do *Poema da mocidade* sairá antes na *Revista contemporanea*, tomo V.

Bom senso e bom gosto. Folheto a proposito da carta que o sr. Anthero de Quental dirigiu ao sr. Antonio Feliciano de Castilho. Lisboa, na imp. de J. G. de Sousa Neves, 1885. 8.º. Editor Antonio Maria Pereira—Saiira antes no *Jornal do Commercio*.

Contos e descrições. Ibi, na mesma imp., 1866. 16.º—Contém: «Viagem ao Porto», em IX artigos ou capitulos; «Uma pagina da vida de Elessão da Motta», em IV artigos; «Amor fatal», em VII artigos; e «A semana santa em Lisboa».

Chronicas brasileiras: I A virgem Guaraciaba. Romance original. Ibi, 1866. 8.º

A flor secca. Romance. Editor, Antonio Maria Pereira. Ibi, na mesma imp., 1866. 8.º—Saiira antes em folhetins do *Jornal do Commercio*.

Chronicas Brasileiras II. A conspiração de Pernambuco, 1 vol. 1866.

A corte de D. João V. Romance historico. Editor, Antonio Maria Pereira. Ibi, na mesma imp., 1867. 8.º—Houve tiragem de alguns exemplares, em numero muito limitado, em papel superior. Os primeiros quatro capitulos tinham saído no *Archivo Pittorresco*, sob o titulo *Amor de pagem*.

Scenas e phantasias portuguezas, 1867, 16.º

Da origem e caracter do movimento litterario da renascença, principalmente na Italia. Memoria para o concurso á terceira cadeira do curso superior de letras. Ibi, na mesma imp., 1867. 8.º

Historia de Portugal desde os tempos mais remotos até á actualidade, escripta segundo o plano de Ferdinand Denis, por uma sociedade de homens de letras. Ibi, na typ. Franco-Portugueza, sem designação do anno, mas parece que principiou a impressão por 1867, 8.º, 8 tomos.—O nome do auctor apparece no fim da introdução, tomo I.

Fez-se nova edição, em 12 volumes, em menor formato, com gravuras intercalladas no texto, mas muito mais evitada de erros de imprensa, ainda que muito melhorada e ampliada pelo auctor. No prologo d'esta segunda edição explica o auctor que, tendo sido a obra publicada em fasciculos, e tendo obtido grande acceitação, o plano de Ferdinand Denis foi logo abandonado, não havendo entre a obra do escriptor francez e a obra portugueza nem a mais leve relação.

Ensaio critico Porto, 1866. 1 vol. 8.º

Novos ensaios criticos. Ibi, 1867. 8.º

Contém, além de um estudo relativo á iniciativa litteraria dos portuguezes na republica hispanica, apreciações acerca de: Arnaldo Gama, L. A. Rebelo da Silva, Camillo Castello Branco, Miguel d'Antas, A. F. de Castilho (a proposito de) Eduar do Vidal, Julio Cesar Machado, Mery, Emilio Castelar, João de Deus, Diogo do Couto, José de Alencar, Julio Diniz, Thomaz Ribeiro, Antonio da Silva Gato e J. D. Ramalho Ortigão.

Algumas opiniões emittidas n'esta obra sobre a nacionalidade e estado actual da litteratura brasileira, foram contestadas em um folhetim da *Reforma*, periodico do Rio de Janeiro, em 1869.

Biographia de J. E. do Carvalho Montenegro. E' um dos numeros da collecção de biographias *Os Contemporaneos*, publicada, creio que em 1867, pelo editor Pedro Correia.

G. L.

Pinheiro Chagas

apreciado por Antonio Feliciano de Castilho (*)

Vi nascer para as lettras este mancebo, e ha ainda bem poucos annos.

Sou fraco decifrador de horoscopos. Parece-me de mim para mim que saíria um agradável trovista, ou pouco mais. Não o disse, porque não tenho por officio ler *buenas dichas*; mas, pelo contrario, animei-o a persistir, porque tambem não tinha certeza de que as minhas futuras fossem verdadeiras.

Louvado Deus, que mais falsas nunca as houve. Não tardou que se manifestasse.

Começou a radiar o estro, a patentear-se o inspirado ou o possesso do demonio da poesia, d'esse demonio, o mais antigo e irreconciliavel inimigo da fortuna. Os estudos que poderiam grangear tantos favores d'ella ao jovem precito, filho do secretario particular e amigo intimo de um Rei, tambem mancebo, tambem possessor de talento e justo apreciador de meritos,—os estudos graves, mal compatíveis com as indoles essencialmente criadoras, de ver está se lhe repugnariam!

Os primarios, sim, que lhe haviam de ser instrumentos; devorou os. As humanidades e as linguas tambem, e com igual avidéz e gosto. Presentia já que tinham de conspirar com o seu destino.

A leitura, a meditação, ainda vaga e sem norte fixo, o tumulto da sociedade, tão consentaneo aos seus annos e ao seu natural, e a observação dos caracteres e costumes; já tão superior á que n'aquella idade costuma haver, mal deixavam logar e vontade para as applicações que lhe exigia a carreira militar.

Seu pae servira a patria com as armas, e poeta-va; mas a poesia no filho era cem vezes mais imperiosa e tyrannica: era mais verdadeira poesia; não admittia partilhas. Por ella despresou todas as outras distincções, e não pouco talvez do que o mundo alcanha prosperidades.

Viu-o com verdadeiro assombro crescer e gigante de anno para anno, de estação para estação, quasi de dia para dia, até que dentro em pouco a sua grande profecia interior, que não podia elle deixar de a sentir, lhe saiu completamente realisada; hoje, quando tão larga vida lhe está ainda augurando tanto crescimento de forcas, de conhecimentos, de meritos, e de nomeada, hoje o seu nome é já dos primeiros, a sua fama das mais extensas, os seus escriptos dos mais festejados e relidos, e a sua fecundidade das com mais razão celebradas.

Eis aqui portanto, em meu entender, o homem que hoje preencheria, honrando-a, a cadeira de litteratura moderna.

Nenhum dos dotes desejaveis lhe fallece: conhecimentos já copiosos, ancia de os adquirir novos, juizo claro e de relance, gosto seguro, voz insinuativa, linguagm fluente e amena, recitação animada, e, para realce e corôa de tudo isto, uma d'aquellas de communaes memorias, ao mesmo tempo de cera para receber e de marmore para conservar; memoria que maravilha a quanto; a presença.

Nunca me ha de esquecer um serão poetico de que foram testemunhas estas mesmas arvores que me estão ouvindo.

Era por uma noite de verão; d'estas em que desde as estrellas até ás hervinhas, desde o frêmito da folhagem até ao silencio, tudo a seu modo respira poesia; noite de Arcadia, noite de Virgilio, noite de Gessner, noite de Hugo.

Reunira o acaso nos bancos de cortiça em roda d'este tanquesinho: Mendes Leal, Simões de Cabedo, Bulhão Pato, Rodrigues Cordeiro, Julio de Castilho, Silva Tullio, tão bem cabido entre poetas, e Pinheiro Chagas. Havia tambem senhoras, das que sabem e merecem ouvir bons versos.

Desejaram e pediram que se accrescentasse mais essa delicia ás do sitio, da estação, e da hora. Recitou cada um o que lhe occorreu.

..... Amant alterna Camene

Acontecia porém ás vezes que uma distracção, ou qualquer outro causa, quebrava a algum dos

recitadores o fio do seu poema; outras vezes tambem, que de todo em todo não sabia de cor aquella de suas producções, que nomeadamente se lhe requeria.

Era então, com pasmo geral, Pinheiro Chagas quem acudia como ponto, e pontualissimo, ou tomava a si a recitação de toda a peça. Disserei que de largos mezes até aquella hora mais não fizera que preparar-se para um exame vago da poesia portugueza contemporanea. As testemunhas d'esta scena difficil de crer já as dei em rol: são maiores de toda a excepção, e não são poucas.

Da ociosidade livra-o a Pinheiro Chagas a sua mesma indole operosa, e inda em cima concitada pelo favor publico. Mas quem deixará de deplorar que esta sua operosidade innata, que tão altas e perduráveis coisas nos pudera dar, se malbarate nas lidas efemerias do journalismo polygrafico?

Que maior inferno para um verdadeiro poeta do que este em que se curtem ao mesmo tempo tantos dos supplicios faublados no Tartaro dos antigos! é um encher a urna das Danaides, que nunca se enche; e um levar serra acima o rochedo de Sisypho, que sempre rôla; é um correr trás si persegundo-se e fugindo se na roda de Ixion, que nunca pára; e é um estar como Tatanio ardo em sede mergulhado até á cinta na corrente fugidia, e consumido de avidéz sem poder lançar a mão aos fructos de negaceiam impendentes. E tudo isto sem fim, nem intervallo, ou só com brevíssimos intervallos, para mais se amargar depois a pena!

Oh que de talentos magnificos nos não tem já devorado, e nos não está devorando, o Minotauro insaciavel que no fundo do seu labyrintho, chamado imprensa periodica, recebe em tributo os mais illustres atheoienses!

Representem-se em Pinheiro Chagas passando as noites em claro entre o leito de sua mulher e o berço de seu filho, que ambos dormem, esperando de hora a hora a luz de dentro como a da lampada que lhe suppre o dia, e recebendo do silencio a inspiração para os artigos, que de toda a parte, e á porfia, se lhe pedem: aqui um remançe, ali uma noticia, já um juizo litterario, já uma polemica, ora uma scena de lagrimas, ora uma exhortação social, uma narrativa historica, uma facecia, um desenfado, ou um allivio. E tudo isto promiscuamente, necessariamente, fatalmente, por que é o foreiro de vinte prelos, que lhe não dão respiro, porque tambem em roda de cada um d'elles os assignantes não cessam de exigir quotidianamente este almoço appetitoso a que o seu escriptor predilecto os avezou.

Não dá a lembrar (perdoem me, pelo proprio, o nimio baixo da comparação) não dá este fabricante do pão do espirito a lembrar o miseravel fabricante do pão do corpo, que ás horas em que todos dormem, esquecem penas e se refazem para o dia, lida na atafona, na amassadeira, no tender, no fornecer, suando sempre, cantando ás vezes, não por alegria senão por arrear o somno e enganar o canção, e tudo isto só para que ao romper d'alva os que nem d'elle se doem, nem pensam n'elle, encontrem um regalo?

E com parecerem tão semelhantes estes dois viveres penosissimos, uma differença ha comtudo entre elles, que torna ainda mais penoso o do escriptor.

O seu visinho do andar terreo já nasceu para aquillo: é uma machina com um pouquinho de entendimento só para motor; e machina que em muitas terras já anda vantajosamente substituída pelos engenhos de vapor.

Mas elle, o escriptor, o nosso operario, não é assim: está estillando a divina essencia da alma criada a mais altos destinos; está a desfazendo em perolas scintillantes, mas para dentro d'um sorvedoiro de limbo; e considera-o, e sabe-o e sente-o! sacrificio que seria incomprehensivel se não estivessem ali para o explicar aquelle berço e aquelle thalamo, se a luz, que ajuda o trabalho, não mostrasse ao mesmo tempo os dois amores sastos, a que todo elle se refere.

Faz mais que o pelicano: não põe só o sangue e a vida pelos que a si prefere; prefere-os a propria immortalidade; deixa cantar a sereia que lh'a promettia; deixa-a tecer em vão corôas que lhe destinava: tapa os ouvidos, cerra os olhos, e, preso voluntariamente ao mastro, presegue heroico a navegação.

27 de setembro de 1865.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

(*) Na cartá critica do *Poema da Mocidade*.

Um folhetim de Pinheiro Chagas, no jornal
do commercio, em 1866

REVISTA DA SEMANA

A NOITE DE S. JOÃO EM ARANJUEZ — VISÃO — A PROCISSÃO DOS ESPECTROS — O DIA E A NOITE — O SONNO DOS ASSASSINOS — O SANGUE E OS THRONOS — O DUQUE DE ENGHEN — 2 DE MAIO E 22 DE JUNHO — OS REGICIDAS SACRIFICANDO AS DYNASTIAS — LOUVET, FRIESCHI, ALIBAND E MERINO — COMO SE AGRADECE A PROVIDENCIA — AINDA VISÃO — O LIVRO DO DESTINO — CARLOS IV, FERNANDO VII — IZABEL II — CLAMORES QUE SE ERGUEM ANTE O THRONO DE DEUS — CONDENNAÇÃO DA DYNASTIA BOURBONICA.

Como a noite corre serena e como a lua resvala, envolta no seu veu de luz diaphana, pelo céu azul das Hespanhas! na pura lympha do Tejo, que a brisa de manso encrepa, desdobra-se o luar, como alvissima tunica de vestal! as rosas abrem o calice nacarado nos beijos da viração; nos amplos jardins da residencia real é tudo luz suave e sombras mysteriosas, parecem fluctuar ao sopro da aragem as pregas das marmoreas roupas das estatuas, e os pavilhões de Aranjuez deixam a rainha da noite bordar na tela das suas fachadas caprichosas rendilhadas de maravilhoso lavôr!

E' noite de S. João, noite de doces sonhos, de meigos amores, e de melodiosas serenatas! N'essa noite, de um a outro extremo da ridente península, accendem-se as fogueiras, doidejam aereas melodias, fréme a canção andaluza na corda da guitarra e a lasciva castanhola accorda os ecos do Guadalquivir no voluptuoso bolero das sevilhanas! As fadas, filhas dos arabes, soltam ao vento o seu veu de gaze e d'esse magico tecido, fogem mil borboletas matisadas, que vão esvoaçar em torno do leito virginal da candida rapariga que sonha na alcachofra que lhe ha de reverdecer de madrugada! Noite de S. João! noite prestigiosa! onde ha ahí na risonha Andaluzia ou na severa Castella éco tão amaldiçoado por Deus, que não murmure agora... namoradas canções, e languidas melodias?

E comtudo fazem mudos os ecos de Aranjuez; envolve o luar os paços silenciosos, e nos rosões dos jardins murmura solitaria a brisa. Velam as guardas sombrias á porta da lugubre morada, e o unico ruido que alli se escuta é o éco longinquo da fuzilaria.

Vinde! aproximae-vos da regia camara que a tenue luz da lampada illumina! as roupas do leito monarchico desenham vagamente um vulto de mulher! Dorme! Aljofra-lhe um suor frio a pallida fronte, e as convulsões dos labios denunciam a agitação dos sonhos!

Dorme, filha dos Bourbonos, n'esse teu leito tepido de sangue! Dorme, herdeira de Carlos V, no throno que transformastes em ossuario! Dorme, catholica rainha, e velem te o somno os vindadores espectros.

Escutae, escutae! Enche um confuso murmura o aposento, e um longo sequito de phantasmas voeja com azas subteis no ambiente do quarto. Trajavam todos longas tunicas, d'onde gota a gota cae o sangue na fronte da rainha adormecida! Debalde ella tenta, com mão tremula, apagar a nodosa vermelha que se alastra incessante! Não cessa a horrída chuva, e a altiva fronte, que ainda ha pouco cingia o diadema, conserva o rubrido stygia, o infamante sêllo estampado pela justiça de Deus!

E a rainha debate-se nas convulsões do sonho! Quer gritar e a voz cerra-se-lhe na garganta; tenta rezar, e a oração transforma-se-lhe em blasphemia; debalde enchuga o vermelho suor do seu remorso; todo o sangue que derramou cae-lhe gota a gota na fronte, e a torrente é caudal, filha de Fernando VII!

Escutae! escutae! um dos espectros debruça-se para o leito monarchico, e murmura palavras, que fazem correr em calefrio de terror pelas veias da neta de S. Luiz. Escutae, escutae o que essa voz murmura:

«O dia é dos tyrannos, mas a noite é das victimas; o dia pertence ao crime, quando o crime se envolve na purpura dos reis; mas a noite pertence ao remorso, quando o remorso se envolve na mortaiha dos supplicados.

«A luz do sol claro e alegre das Hespanhas assigna-se depressa uma sentença de morte, traça-se com mão firme a ordem que vae juncar de cadaveres as ruas de uma cidade, ajoelha-se impudentemente diante de um oratorio, saboreia-se a benção monachal, respira-se a lisonja

cortezã, ouve-se tranquillamente a descarga cerrada de um fusilamento.

«Bem vês tu, rainha, que o dia não tem sombras, não ha recamos obscuros, não ha senão ecos folgazãos, e o martim do crucifixo doira-se com os raios do sol; de dia a areia obsorve o sangue derramado, de dia o tigre pôde mirar-se no espelho, sem receio de vêr luzir no vidro a sua pupilla averdeada.

«Mas a noite chega tambem e á noite o crucifixo é livido! á noite accumulam-se as trevas nos cantos dos aposentos, a noite o écco tem gemidos, á noite o sangue ressumbra atravez os tapetes das salas, á noite vêem pantheras scintillar vagamente nos espelhos a sua phosphorica pupilla!

«De dia ha os padres que absolvem, ha os santos, que se cobrem de ouro e sedas, ha o vigario de Christo, que envia indulgencias, ha o confessorario indulgente, ha o orgão clamoroso fazendo jorrar pela nave das cathedraes o hymno em accão de graças, ha o *Domine salvem fac regnum*, ha as procissões, que se acompanham devotamente.

«A' noite, rainha, ha Deus!

«Hoje, os brilhantes ajudantes de campo chegavam a galope ás portas do teu palacio, e bradavam te, agitando os chapéus emplumados; «Deus favoreceu a tua causa! O throno dos Bourbonos, assente em milhares de cadaveres, ostenta-se mais firme. A tua purpura é mais brilhante, porque a tingimos em sangue! Exulta! rainha, e agradece a Deus, que te concedeu a victoria! Exulta, Isabel II, porque te sacrificámos victimas humanas; exulta porque puzemos a ferro, a fogo e a sangue a tua bella capital!» E tu exultaste e agradeceste a Deus.

«Hoje, entraram os teus ministros nas salas do teu palacio, e disseram te: «Mais sangue! é necessario mais sangue para enchermos as taças da nossa orgia! mais sangue, e mais lagrimas! para que possamos erguer á face da Europa o copo cheio a trahbordar, com que faremos um brinde á sua civilisação. Firma com o teu doce nome de Izabel novos decretos de terror, e será mais pungente o sarcasmo, que viemos escarrar no rosto da humanidade.»

«Brincavam os raios do sol de junho nos vidros das janellas de Aranjuez; a natureza em flor toda se desfazia em canticos e aromas; tu pegaste na penna, e firmaste os decretos sanguinarios. E os teus ministros disseram-te: «Rainha, é inhabalavel o teu solio, pertence-te o porvir.»

«E a noite chegou, e, com o desmaiar da luz no firmamento, foi-te descorando a fronte; chegou a noite, a noite que faz tremer os tyrannos, a treva que assustava Nero, e tanto e tanto o feroz imperador, para lhe refugir do seio, para dissipar as sombras, accendia Roma como um facho imenso!

«Depois da audiencia dos ministros chegou a hora da audiencia dos espectros.

«E tu caminhaste com passo tremulo para o teu quarto; o throno, que de dia te parecera tão firme, oscilava agora sobre a sua base de esqueletos, porque a noite é a hora dos phantasmas, é a hora a que se partem as loisas dos cemiterios, em que doidejam por entre os cyprestes vagos clarões phosphoricos, e em que os ossos se agitam e rangem lugubrememente.

«E entraste, e arrojaste a tua purpura tão escarlata e tão vivida para cima das alvas roupas do teu regio leito; mas aí! a purpura da rainha distinguia na alvura das roupas da mulher, e o sangue manchou o sanctuario mysterioso, e o thalamo da soberana das Hespanhas assimilhou-se ao catre do assassino, quando alta noite um homem entra no misero quarto com as mãos ensanguentadas, a procurar as apalpadellas do leito, e esconde a cabeça debaixo das roupas, e procura fugir ao espectro vingador que o persegue.

«Ah! e seria justo que o homem que matou esse homem tivesse os remorsos, as nodosas de sangue, a visão constante do cadafalso, os suores da agonia, e que tu, rainha, que assassinas um povo, dormisses tranquillamente no teu leito de ouro e seda, sob as cortinas aponhadas na corôa de Philippe V?

«Seria justo que os doces sonhos te embalassem no seu regaço, quando a um aceno teu a insomnia, o desespero, a dôr, a viuvez, a orphanidade se vão assentar, pallidos e envoltos em negras tunicas, á cabeceira de tantos leitos humildes?

«Seria justo que houvesse cantos suavissimos d'esses rouxinoes invisiveis que volteiam sobre os thalamos venturosos, na camara da rainha que levou a desolação a tantos ninhos dulcissimos, que descantavam amores entre as romeiras de Granada, nos vergeis de Valencia, nos serros das Asturias, ou nas margens encantadas do Douro?

«Seria justo que a tua sacrilega prece, piedosa rainha, devota soberana, abafasse os clamores das mães e das esposas, que a todo o instante se erguem para o throno de Deus?

«Julgas que as orações dos teus sacerdotes, os canticos das tuas freiras, poderão dominar esse concerto de lagrimas e queixumes dos humildes?

«Não! bem o sabes, diz-t'o a tua consciencia, e não ousarias agora, á noite, sósinha no teu quarto, descer do teu leito, e ir ajoelhar no teu genuflexorio! Não o ousarias decerto, porque temerias que, em torno das imagenes sanctas, mão invisivel traçasse um circulo, ante o qual cairias com a face no chão, porque recearias queimarem-te na fronte as letras de fogo da palavra que te condemnaria!

«E o dia da vingança chegou enfim, encheu-se a taça das iniquidades, e o Deus vingador da innocencia já condemnou ao abysmo o throno ensanguentado.

«Já nas paredes do teu quarto figuram as letras que assustaram outr ora as orgias de Balthasar.

O sangue que se derrama não é cimento para os solios, e a onda vermelha que os arranca da praia e os arroja ao mar das tempestades.

«O homicidio sanctifica as victimas! As feridas, por onde sae a vida e o sangue, são outras tantas boccas, que a Deus clamam enquanto o assassino tripudia sobre o cadaver.

«Não é a mão dos vivos, é a pallida mão dos mortos que derruba os tyrannos dos seus thronos.

«Era bem fragil a mão d'essa criança, que se chamou o duque d'Enghien, mas apenas o filho dos Condès cahiu varado por vinte balas nos fossos de Vincennes, o seu phantasma foi-se esconder por traz das cortinas do leito do victorioso primeiro consul.

«Debalde elle subia a alturas vertiginosas para fugir aquella mão de espectro, debalde aconchegava ao corpo a purpura imperial; debalde interpunha a si e ao phantasma o vulto venerando do vigario de Christo; debalde se fazia erguer sobre os regios escudos de vinte soberanos seus vasallos; a mão infantil lá estava impellido-o do Heresina para Waterloo, de Waterloo para Santa Helena.

«Treme, Isabel, treme das mãos d'espectros! São terriveis os exemplos da historia; 22 de junho, devia lembrar-te o dia 2 de maio.

«Tambem então, Madrid, a rainha das Hespanhas, se envolveu em longos veus de lucto, e á noite a lua illuminou pelas suas praças lividos cadaveres. Os cavallos dos soldados brutaes pisaram aos pés os filhos de Madrid, voluptuosa e heroica, cidade das festas e do sangue, da guitarra e do punhal, cidade descuidosa e fremente.

«Tambem um throno se quiz formar n'este pedestal de ossadas, e o throno de José Bonaparte—resvalou e caiu no abysmo. Não puderam esteial-o as baonetas dos vencedores da Europa porque as mãos dos espectros de 2 de maio as torciam e as quebravam como frageis vimes.

«Porque o sangue vertido por cada uma d'essas feridas, fecondava o solo e fazia brotar heroes, porque a espada de Murat, rasgando o corpo da formosa cidade, abria involuntariamente, nas paginas bronzeadas do livro do destino a primeira letra de Bayleu, a primeira letra de Saragoça, a primeira letra de Victoria!

«E comtudo era o estrangeiro quem derramava sangue, e os braços dos dragões de Napoleão não eram braços fraticidas.

«Mas o dia 22 de junho ha de ter ecos mais sinistros na historia. Foi o seio da patria dilacerado pelas mãos de seus filhos, foram soldados hespanhoes os que tripudiarão sobre o corpo exaustado da formosa cidade das Hespanhas.

«Que letras mysteriosas abria a espada de O'Donnell no livro do futuro! Por baixo das letras das sentenças de morte, que a tua penna traçava, Isabel II, que outras letras d'outra sentença ignota se iriam traçando no livro do destino!

«Rainha, a mão da Providencia resguardou-te do punhal regicida de Merino, a mão do homicida santificou a tua dynastia, porque aos olhos de Deus o crime é igual, quer o commetta o rei, quer o commetta o povo, ou faça rolar cabeças coroadas, ou cabeças humildes, e a morte de Luiz XVI foi a condemnação da republica, como a mortandade de 22 de junho é a condemnação da tua dynastia.

«O punhal de Louvet, aviventou por nove annos a dynastia da Restauração; Fieschi e Aliband, prolongaram a existencia da monarchia de julho; o punhal de Merino consolidou o teu solio.

«Mas á Providencia, que te livrou do assassino, respondes assassinando o teu povo, e fazes pender

a balança, que a arma regicida equilibrara, arrojando-lhe centenas de cabeças ensanguentada.

«Encheu-se a taça das iniquidades, soou a hora da vingança.»

E os phantasmas sumiram-se; mas o sonho da rainha continuou cada vez mais angustioso. Abriu-se a azulada aboboda do firmamento, e o throno de Deus appareceu no seu immenso fulgor ante os olhos deslumbrados da filha dos Bourbons.

Um anjo melancolico tinha nas mãos aberto o livro do destino, e via-se na pagina escripto o nome de Carlos V.

E ouviu-se um immenso clamor que partia da terra, e esse clamor dizia:

«Senhor, o throno dos nossos reis foi manchado pelo adultério, e pela devassidão; os fructos dos nossos campos foram enriquecer o erario de um

váramos uma guerra mortifera para lhe darmos o throno, a fim de nos reduzir á escravidão!»

E o anjo melancolico rasgou ainda uma pagina, e na seguinte viu-se escripto o nome de Isabel II.

«Combatemos por ella, e pela nossa liberdade, travámos uma lucta sanguinaria com os nossos irmãos para defendermos os direitos da innocente nina, e a recompensa é o cadafalso, o fuzilamento, o morticínio.»

Então resouu no alto dos ceus uma voz trovejante que bradou:

«Tres gerações encheram a taça das iniquidades, e cançaram a misericordia divina! Caia no abysmo esse throno de Balthazar.»

E o anjo melancolico arrancou a ultima pagina da dynastia dos Bourbons, que foi, revolteando, cair, n'um abysmo de lodo e de sangue.

Real das Sciencias, Camara dos Dignos Pares e dos Deputados, Camara Municipal de Lisboa, Junta do Credito Publico, Companhia do Gaz, Centro Regenerador, imprensa e muitas outras corporações, etc., etc., formando o cortejo funebre uma extensa procissão que desfilou por entre as alas compactas de povo, que aguardava a passagem do prestito desde a rua do Salitre até o cemiterio.

A entrada do cemiterio aguardavam a chegada do prestito os regimentos de infantaria n.º 7 e 16, uma bateria de artilheria, o corpo de marinheiros em grande força e um esquadrão de cavallaria.

Quando o cortejo chegou ao cemiterio era já sol posto, e quando terminaram as ultimas orações religiosas, na capella, a noite envolvia já em suas trevas os tristes cyprestes e as moradas silenciosas dos mortos.

E assim desfilou o cortejo funebre até ao tumulo de Pinheiro Chagas, na rua n.º 14 do cemiterio, e chegando que ali foi o feretro, principiaram os discursos,



O FUNERAL — JUNTO DO TUMULO DE PINHEIRO CHAGAS

(Desenho do sr. J. Christino)

O FUNERAL

Realisou-se no dia 9 do corrente, sahindo o prestito da casa de Pinheiro Chagas, na rua do Salitre n.º 176 2.º andar, pelas 5 horas da tarde.

O corpo foi conduzido em um coche funebre, e coberto de grande quantidade de corôas e ramos de flores, testemunho de respeito e de saudade, da familia do finado, e de varios amigos e corporações a que Pinheiro Chagas pertencera incluindo uma grande corôa do governo, de um metro e cincoenta centimetros de diametro, de violetas com glycinias, com fitas de moiré preto e branco franjadas de ouro e com a seguinte dedicatória: O GOVERNO A MANUEL PINHEIRO CHAGAS.

O acompanhamento seguiu a pé desde a residencia do fallecido até ao Cemiterio Occidental.

Foi uma das manifestações mais imponentes a que temos assiastido, feita a um morto illustre.

Tudo o que ha de mais distincto na nossa sociedade ali concorreu, desde a familia real que se fez representar: El-rei, pelo sr. conde de Ficalho, a Rainha Senhora D. Amelia, pelo seu veador sr. Antonio de Vasconcelos e a Rainha Senhora D. Maria Pia pelo sr. visconde de Asseca; todo o ministerio, Academia

sendo o primeiro do sr. Carlos Valbom, ministro dos estrangeiros, em nome do governo, e seguindo-se-lhes o sr. Silva Amado, pela Academia Real das Sciencias, Costodio Borjia, Jayme Victor, visconde de S. Boaventura, João Arroyo e Jayme Ribeiro, estudante militar, em nome da Academia.

Foi tocante aquella hora solemne, em que o corpo do glorioso morto ia para sempre esconder-se na eterna morada, onde o aguardavam os restos da esposa querida, da companheira de tantos trabalhos, que ha quatro annos o precedera, na ultima jornada.

O povo agglomerava-se em volta do feretro e escutava em profundo recolhimento aquelles ultimos adeuses que se desprendiam dos labios dos oradores em eloquentes palavras do coração.

Eram 9 horas da noite quando ficou tudo concluido.

No proximo numero publicaremos mais alguns excerptos de Pinheiro Chagas.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches, Rua Nova do Loureiro, 25 a 37

favorito vil; a Hespanha, a gloriosa Hespanha, foi derrubada do seu throno, e a sua vasta purpura, que abrangia os dois hemispherios, foi arrastada na lama. A Hespanha foi vil entre as nações, ella, entre todas grande; o pé do estrangeiro estampou-se com desprezo na fronte da nação humilhada, e os seus filhos curvados sob o jugo, e embrutecidos, regaram a terra com as suas lagrimas e o seu suor.»

E o anjo melancolico rasgou essa pagina do livro do destino, e na pagina seguinte via-se escripto o nome de Fernando VII.

E ouviu-se um clamor que dizia:

«Combatemos como heroes para defendermos a terra de nossos paes, e para assegurarmos o throno ao descendente dos nossos monarchas. Juncámos de cadaveres a estrada triumphal, por onde o covarde prisioneiro de Valençay voltou ao paço de seus paes. Conquistámos com o nosso sangue a nossa carta de alforria. E foros de homens livres, pisou-nos aos pés, e chamou o estrangeiro, o mesmo estrangeiro, com quem tra-